

Diálogos, Temas e Recorrências Autorais no Estudo da Cidade Brasileira
Dialogues, Topics and Recurrences in the Study of the Brazilian City
Diálogos, Temas y Recurrencias Autorales en el Estudio de la
Ciudad Brasileña

Deborah Galvão Schirmer* e Clovis Ultramari**

RESUMO

Ideias, no contexto da gestão urbana, circulam de um local para outro, transferindo conceitos, práticas, diretrizes e técnicas. Este fenômeno pode ocorrer mantendo as características originais, sendo apenas replicado, bem como pode se adaptar às novas localidades às quais se insere. O presente artigo discute tais fluxos e influências de ideias no meio acadêmico a partir da identificação dos temas e autores mais citados em um periódico brasileiro de referência para os estudos urbanos. Esta pesquisa caracteriza-se como descritiva, partindo da observação, registro, classificação, análise e correlação de informações, com uma abordagem quantitativa e procedimentos técnicos de pesquisa documental. As conclusões apontam a intensificação, mesmo que de maneira incipiente, de diálogos horizontais entre países latino-americanos, a manutenção de diálogos com países centrais e a recorrência de determinados autores e temas.

Palavras-chave: Gestão urbana. Circulação de ideias. Tendências urbanas.

ABSTRACT

In the context of urban management, circulation of ideas transfers concepts, practices, guidelines and techniques among places. This can either maintain their original characteristics as replicates or adapt them to the new localities. The present work discusses such idea flows and influences in the academic environment, from the identification of the subjects and authors most cited in a Brazilian periodical. Our research is characterized as descriptive, starting from the observation, registration, classification, analysis and correlation of information. A quantitative approach and technical procedures of documentary research were taken. Our conclusions point to the intensification, even if incipient, of an horizontal dialogue among Latin American countries, to the permanence of a vertical dialogue with central countries, and to a recurrence of authors and topics.

Keywords: Urban management. Transfer of ideas. Urban trends.

* Arquiteta e Urbanista, Mestre em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: dhschirmer@gmail.com

** Arquiteto, Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. Professor permanente no Programa de Pós-graduação em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), e no Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: ultramari@yahoo.com

Artigo recebido em set./2017 e aceito para publicação em mar./2018.

RESUMEN

Las ideas, en el contexto de la gestión urbana, circulan de un sitio a otro transfiriendo conceptos, prácticas, directrices y técnicas. Ese fenómeno puede ocurrir manteniendo las características originales, siendo simplemente replicado, así como también puede adaptarse a las nuevas localidades en las que se inserta. En vista de ello, el presente artículo objetiva discutir dichos flujos e influencias de ideas en el medio académico a partir de la identificación de los temas y autores más citados en un periódico brasileño de referencia para los estudios urbanos. Esta investigación se caracteriza como descriptiva, partiendo de la observación, registro, clasificación, análisis y correlación de las informaciones, con un abordaje cuantitativo y procedimientos técnicos de investigación documental. Las conclusiones apuntan la intensificación, aunque de manera incipiente, del diálogo entre los países latinoamericanos ante la necesidad de discutir cuestiones y desafíos urbanos, la permanencia del diálogo con los países centrales y la recurrencia temática y autoral.

Palabras clave: Gestión urbana. Circulación de ideas. Tendencias urbanas.

INTRODUÇÃO

A circulação de ideias constitui a essência da produção acadêmica contemporânea, podendo também ser considerada um dos aspectos mais importantes da história intelectual e definidora na formação e formatação de instituições, organizações e tecnologias. Ideias migram de um local para outro por meio de culturas, tempo e espaço. Essa circulação também se dá por meio da migração de pessoas e, às vezes, independentemente desses fatores mais tangíveis (SCAZZIERI; SIMILI, 2008). Na medida em que “viajam”, as ideias podem ser replicadas ou adaptar-se ao seu novo ambiente, aumentando ou diminuindo a usabilidade e confiabilidade originais (HOWLETT; MORGAN, 2001). Para o caso específico da gestão urbana, a circulação de ideias pode ser associada à necessidade da rápida solução de problemas locais ainda não experimentados. Em um momento de ocorrência de desastres naturais, por exemplo, essa alternativa tem se mostrado de grande valia. Ultramari e Duarte (2009) definem esses momentos como inflexões urbanas, sendo que estes podem estar associados a especificidades políticas, características geográficas, vivência de crises, avanços econômicos, desastres e disponibilidade de tecnologias.

Ultramari et al. (2016), por sua vez, entendem que o território da América Latina tem sido qualificado como aquele de rápida urbanização em função do crescimento demográfico e de suas migrações internas. Valladares e Coelho (1995), fazendo referência a esse mesmo crescimento, identificam um crescente e consistente desenvolvimento na investigação urbana sobre esse recorte desde a década de 1970. Contudo, esses esforços em compreender a cidade e seus processos de criação e transformação são distintos se avaliados nas partes nacionais que este continente contém. Países onde o processo de urbanização iniciou-se anteriormente apresentam maior tradição em pesquisa urbana; em contrapartida, países urbanizados mais recentemente ainda estão em fase inicial de estudos em relação às questões urbanas.

A discussão apresentada neste artigo é aquela feita a partir do fenômeno da circulação de ideias sobre a cidade e de como esta ocorre entre o Brasil e os países centrais e entre o Brasil e os países periféricos. Do mesmo modo, este artigo tem como objetivo identificar o comportamento das temáticas e referências autorais presentes nessa circulação, com algumas possíveis sinalizações de tendências. Para o primeiro caso de diálogo, têm-se prioritariamente os europeus e os Estados Unidos; para o segundo, os países periféricos, prioritariamente aqueles integrantes da mesma região que constitui a América Latina. Em termos de recorte temático da circulação de ideias tem-se aquele definido por fluxos e influências praticadas por instituições e seus membros acadêmicos. Outro nível de circulação de ideias sobre a questão urbana refere-se àquelas implantadas pelo setor privado, como consultorias, e de poderes locais e nacionais, como aquelas entre seus representantes políticos com afinidades ideológicas e eleitorais. Esse nível de circulação de ideias exige estudos específicos para ser apreendido e conta com a complexidade advinda da atomicidade das informações.

Na justificativa da presente discussão, tem-se o interesse de identificar as premissas que norteiam os estudos urbanos em diferentes contextos, entender possíveis convergências entre um recorte nacional e outro e iniciar a compreensão de trajetórias históricas constituídas por esses mesmos estudos.

Para a consecução do objetivo precípua do presente artigo, o texto divide-se em três partes principais. Na primeira, apresenta-se a base teórica para o entendimento do fenômeno da circulação de ideias no âmbito das questões urbanas, indicando a existência de diálogos verticais, como aqueles realizados com os países centrais, e diálogos horizontais, como aqueles realizados no contexto de países periféricos. Em ambas as possibilidades, guarda-se a especificidade dos diálogos praticados com instituições e autores brasileiros. A segunda parte do artigo apresenta o objeto empírico, realizado por meio de uma análise bibliométrica, em um periódico científico brasileiro: Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR). Nesse periódico são buscados os destaques em termos de autoria de artigos, referências utilizadas, procedências dos autores e vínculos institucionais. A última parte traz a reflexão sobre a identificação dos fluxos de ideias e possíveis influências acadêmicas no campo da gestão urbana.

1 CIRCULAÇÃO DE IDEIAS NA GESTÃO URBANA

Considerando-se os atributos contemporâneos das interconexões e do processo ostensivo de globalização entre indivíduos, instituições e países, há uma recorrência em se atestar o incremento na velocidade e facilidade com que ideias fluem. Tais ideias relacionam-se com o modo como os lugares deveriam e poderiam ser e a maneira de desenvolvê-los e gerenciá-los; contudo, vale observar o significado das contingências, adaptações e resistências, as quais dão impacto e acepções a essas mesmas ideias. A despeito de o cenário favorecedor ao intercâmbio parecer-nos novo, os atributos que dão origem a esses fluxos e tensões não o são (WARD, 2002; STONE, 2004).

No contexto da gestão e planejamento urbanos, assim como em outros campos científicos, as ideias viajam por meio de culturas, espaço e tempo, fluindo de um local para outro e, com isso, carregando conceitos, técnicas e instrumentos (HEALEY, 2012), ora mantendo sua integridade original, sendo apenas replicadas em outros lugares, ora adaptando-se às novas áreas de destino (HEALEY; UPTON, 2010).

A despeito de uma aparente restrição da circulação de ideias como elemento característico de nossa contemporaneidade urbana, experiências similares de diálogo entre cidades – consubstanciadas por um diálogo técnico-científico – já eram observadas em tempos pretéritos. Para além das reproduções silenciosas de ideias, diretrizes, projetos e legislações urbanas que se consubstanciam com difícil identificação do responsável ou trajetória realizada, outras o são a partir da sua explicitação. Tal explicitação passa, assim, a servir de respaldo a um possível sucesso ou, ao contrário, de motivo de crítica veemente não pelo conteúdo, mas pela simples origem da fonte utilizada. No século II de nossa Era, por exemplo, a cidade de Palmira, na Síria atual, adaptou as ideias e práticas romanas de como seria o centro comercial de uma grande cidade, a partir da adoção explícita de modelos do projeto original de cidades

estrangeiras em períodos precedentes. No século XVIII, Pedro, O Grande, utilizou-se dos modelos da Europa Ocidental para projetar e fundar São Petersburgo e, assim, explicitar um vínculo proposital – uma “janela” – com o Ocidente. Em meados do século XIX, estados centrais promovem ideias a respeito de direitos de propriedade e organização das terras urbanas ao modo da metrópole, reforçando relações hierárquicas de poder e criando legados ainda hoje praticados (WARD, 2002; STONE, 2004).

A transferência ou viagem transnacional de ideias, políticas e técnicas sobre cidades é, pois, um campo vasto (KING, 1984), não se limitando ao interesse precípua de uma solução, mas, sim, ampliando-se para o campo dos interesses diversos. Para Harris e Moore (2013), por exemplo, esses processos estão intimamente relacionados com as questões de política e governança. A explicação para maiores ou menores volumes de transferência de ideias sobre a cidade, sem contar a progressiva facilidade de comunicação ao longo do tempo, é então influenciada por circunstâncias históricas que vão além dos interesses urbanos mais específicos. Para Sutcliffe (1981), as trocas referentes a técnicas do planejamento urbano, por exemplo, iniciaram-se de forma mais intensa já no final do século XIX, frutos de uma ação comercial dos países centrais; fato confirmado por King (1984; 2004), que vê no colonialismo o agente central na exportação de ideias desse campo de conhecimento. Assim, para Harris e Moore (2013), de fato, a possibilidade de se implementarem ferramentas e práticas de planejamento urbano frente a novas questões críticas pode reproduzir pressupostos interesses ocultos.

Nas duas últimas décadas, o fluxo transnacional de ideias foi moldado por duas novas características: 1) por meio de novas formas de comunicação instantâneas, que permitem o aprendizado, apesar das distâncias entre cidades, e 2) por meio do surgimento de uma indústria especulativa de conhecimentos “pós-bem-estar” liderados por consultorias de gestão, agências intergovernamentais, agências paraestatais e grupos de reflexão que identificam práticas utilizadas e seus resultados (GOLDMAN, 2011). No entanto, no campo do planejamento urbano moderno, sempre existiram organizações e instituições que transferiam e informavam a respeito de “boas” práticas, cidades “bem-sucedidas” e “tecnologia de ponta” (MCCANN, 2008). Chiquito (2016) confirma esse entendimento, ressaltando o papel de redes formadas por profissionais e acadêmicos da área de planejamento e pelas relações políticas e econômicas.

Concepções e ideias sobre a cidade, formuladas em contextos específicos, sempre ultrapassaram fronteiras nacionais, reduzindo mesmo o ineditismo trazido pela internet nesse processo (MORAIS, 2014). Porém, diferentemente do passado, os fluxos transnacionais atuais não apenas se intensificaram, mas também adotaram padrões diversificados em termos de ferramentas e processos (WARD, 2002; STONE, 2004).

De modo geral, no caminho seguido por esse incremento na comunicação e, assim, na transferência de ideias, observa-se também uma fragmentação de modelos e de fontes, sugerindo inclusive uma possibilidade de diálogos “horizontais”, fora do eixo mais conhecido centro-periferia. A adoção do modelo modernista, conforme compilado pela Carta de Atenas (LE CORBUSIER, 1933), teria sido o último esforço de um modelo que se quer universal no entendimento da cidade. O planejamento

e os modelos de organização territorial urbana no século XX na América Latina – do mesmo modo que em outros continentes de formação nacional similar – são idealizados a partir do elo com as teorias e ações formuladas e desenvolvidas principalmente na Europa. Entretanto, as realidades entre esses continentes, por uma série de fatores, como, por exemplo, climáticos, políticos, históricos e sociais, sugerem dificuldades na simples reprodução de um modelo universal. Com isso, esclarece-se a ideia de uma submissão estabelecida nas relações de influência cultural, artística e arquitetônica, conforme entendido por Morais (2014).

Ainda assim, seguindo a grande difusão que o urbanismo modernista ganhou na segunda metade do século XX, modelos e fontes multiplicaram-se. De modo extemporâneo, algumas ações resistem; vide, por exemplo, as cartas internacionais discutidas multilateralmente, sob a égide da Organização das Nações Unidas, e constituídas no âmbito de grandes princípios. Outro exemplo, porém com reduzida capacidade de impacto, foi a iniciativa denominada “novo urbanismo”, com a realização do Congresso do Novo Urbanismo, em 1993 (LECCESE; KATHLEEN, 2000). Viu-se reduzir a capilaridade de modelos universais, mas houve multiplicação de referências e meios de transferência, dificultando a apreensão de sua trajetória. Harris e Moore (2013), por exemplo, falam de um grande avanço na circulação de ideias nas duas últimas décadas, com incremento no seu alcance e aumento de sua intensidade e ritmo.

Por último, vale a referência de Healey (2013) ao sugerir que há algo distinto sobre o fluxo de ideias e práticas de planejamento no período atual que não o mero incremento no seu processo e resultados. Para essa autora, considerando-se a facilidade na apreensão da ideia e na sua replicabilidade, é importante também maior envolvimento reflexivo de três campos de desenvolvimento intelectual, os quais muitas vezes se sobrepõem, oferecendo conceitos promissores na exploração dos fluxos transnacionais contemporâneos de ideias e práticas de planejamento, sendo estes: 1) teoria de atores e redes (identificando a forma como as ideias e as tecnologias chegam a “viajar” e ser traduzidas); 2) versões institucionalistas de análise de discursos políticos; e 3) discussões sobre circuitos de conhecimento e sobre projetos hegemônicos na globalização e nas literaturas de desenvolvimento internacional.

2 OS DIÁLOGOS URBANOS

Outro conceito importante para o estudo empírico contido neste artigo é aquele que diferencia os *diálogos verticais* sobre a cidade – que são aqueles praticados entre países considerados centrais e países considerados periféricos – dos *diálogos horizontais* sobre a cidade, ou seja, aqueles ocorridos em circuitos entre países periféricos. Tal distinção conceitual sugere também um processo histórico, no qual o primeiro, parcialmente, parece ceder lugar ao segundo. Do mesmo modo que o próprio urbanismo surgiu como resposta a um problema inicialmente observado na Europa, devido a impactos no território e nas relações sociais em áreas densificadas (CHOAY, 2013), seus modelos igualmente fazem referência à cidade desse cenário central. A partir de então, com ideias pensadas para uma realidade que se consubstanciaria em países

como o Brasil mais de um século depois, estabeleceu-se um fluxo de ideias unidirecional e pouco dialógico. De fato, inúmeras ideias relacionadas ao planejamento, inicialmente, originaram-se e foram documentadas no Hemisfério Norte, com a rápida inserção dos Estados Unidos como país exportador de modelos urbanos; posteriormente, foram transferidas para outras partes do mundo, por meio de especialistas e, em menor escala, publicações técnicas e acadêmicas. Mais uma vez, conforme lembrado por Watson (2002), essa trajetória, evidenciada pelos meios, nem sempre revela os verdadeiros propósitos de caracteres diversos, como econômicos e geopolíticos.

Esse fluxo unidirecional, que por muito tempo foi adotado de forma pouco polêmica, servindo para embasar a crença num desenvolvimento que se confunde com a ideia de modernização e de civilização, receberia críticas mais veementes apenas quando facilitadas as trocas entre agentes exógenos à centralidade e quando questionados os próprios conceitos de modernidade e civilização. O fracasso do modelo de urbanismo modernista, pensado em cenário de reconstrução pós-guerra na Europa em países como o Brasil, talvez possa ser tomado como um momento que inicia o esclarecimento sobre a necessidade de novos e mais específicos modos de pensar a cidade. Harris e Moore (2013), a exemplo do caso citado anteriormente, constatam que “a emulação direta da formulação de políticas de melhores práticas não é apenas severamente limitada e aleatória, mas que o intercâmbio de conhecimento em diferentes contextos urbanos sempre será incompleto e imprevisível”.

Até o final do século XIX, em virtude de um prestígio atribuído à cultura europeia de modo geral, a partir de uma vinculação com a ideia de progresso ocidental, os poderes econômicos e políticos da França, Inglaterra e Alemanha favoreceram a exportação cultural desses países (CHOAY, 2013). Desse seleto grupo de países, há ainda um destaque maior para o caso da França no desenvolvimento de projetos para cidades da América Latina. Segre (2009), por exemplo, lembra que essa relação com a França no continente inicia-se em princípios do século XIX, na Argentina e no Brasil, com Joseph Bouvard, e, na sequência, com Marcel Poëte (1866-1950) e seu Institut d'Urbanisme de Paris. Frechilla (1993) reitera a importância de Paris sobre nosso continente, denominando-a “*metrópolis de imitación*”, não apenas em termos arquitetônicos e urbanísticos, mas também em termos de “*códigos y formas de tecnologías y procedimientos*”.

Momentos como a independência dos países do continente latino-americano distinguiram-se como novas oportunidades de fluxos de ideias, mantendo, entretanto, o atributo da verticalidade. No caso brasileiro, esse era um cenário já conhecido: o da vinculação de *status* político com a metrópole e o pensamento urbanístico no seu território ainda em formação e frágil em termos de urbanização. Oito anos após a transição da coroa portuguesa para o Brasil, em 1818, por exemplo, o Brasil já recebia a visita do francês Grandjean de Montigny com a finalidade de assessorar a corte real portuguesa a “dignificar” a cidade do Rio de Janeiro, então sede do Império, ocorrendo assim o primeiro episódio dessa prática (MORAIS, 2014). Esse é um cenário observado na gênese da cidade brasileira que pode também ser observado em seus países vizinhos.

A morfologia das demais grandes metrópoles latino-americanas, como São Paulo, Belo Horizonte, Caracas, Bogotá, Havana, Buenos Aires, Cidade do México e Santiago, espelha as teorias urbanísticas do final do século XIX e início do século XX, sendo possível identificar o modo da acomodação dos traçados das áreas centrais e a imagem urbana, que evidenciam essas concepções. Em contrapartida, significativa parte do restante desse território padece com massivas expansões posteriores (MORAIS, 2014).

Para o caso específico brasileiro destaca-se o aporte de figuras internacionais como Le Corbusier, que tinha por base o racionalismo funcional (OLIVEIRA, 2002) e considerava que a arquitetura e o urbanismo são elementos indissociáveis, dispondo de sentido apenas se empregados de maneira integrada (CHOAY, 2013). Le Corbusier deixou suas contribuições – e influências – ao passar pelo Brasil em 1929 e em 1936, quando fez “explodir” a arquitetura moderna brasileira (HARRIS, 1987). Do mesmo modo, Alfred Agache, no Rio de Janeiro, com planos de extensão, embelezamento e remodelação, além de conferências sobre urbanismo, também elaborando planos e atuando como consultor para outras cidades (CAROLO, 2002). Visitas como as desses profissionais marcaram as primeiras décadas do século XX pela mudança e coexistência de paradigmas, refletindo os debates internacionais e, em outras circunstâncias, evidenciam a complexidade dos processos internos em pauta (MEDRANO, 2009). Desse período, sobretudo até a década de 1940, a expressão “embelezamento urbano” foi muito utilizada quando se tratava de administração municipal, planejamento este que enfatizava a beleza monumental e influenciou todo o mundo, refletindo novos valores estéticos e produzindo uma nova fisionomia arquitetônica para a cidade (SCHIFFER, 2004). Em meio à valorização da estética, ou da forma urbana e arquitetônica, entre os anos de 1930 e 1960, destacaram-se temas relacionados ao rápido desenvolvimento da urbanização, expansão da industrialização, presença marcante do Estado por meio de grandes investimentos públicos de caráter social e movimentos favoráveis da economia (GOMES; ESPINOZA, 2009).

Na década de 1960, a América Latina começou a desenvolver e a ganhar protagonismo internacional no campo urbanístico e arquitetônico. O protagonismo internacional do continente, entretanto, não se dá apenas por experiências urbanísticas – vide inauguração de Brasília –, mas também por singularidades e problemas que exigiam soluções locais. No caso de um protagonismo resultante da produção intelectual, e não de um problema emergente, tem-se um fenômeno observado também em outros campos culturais, com destaque para o caso da sua literatura.

O continente confirma, então, suas especificidades no processo de urbanização, exigindo respostas igualmente específicas. Assim, há uma demanda por estudos mais relacionados com aspectos sociais da urbanização acelerada, migrações, pobreza, irregularidades fundiárias e acesso não universalizado da terra urbana. Semelhanças entre os países latino-americanos já estabelecidas em seus períodos coloniais indicavam então uma justificativa de “soluções” em âmbito continental (MEDRANO, 2009).

Esse processo, de assimilação de particularismos locais, ou de simplesmente considerá-los, parece ser contínuo, crescente. Oliveira (2002), ao estudar as últimas

décadas do século XX, observa que urbanistas e gestores urbanos veem-se instigados a refletir sobre novas alternativas de planejamento, controle e intervenção urbanas que atendam a essa nova dinâmica latino-americana, já que os efeitos decorrentes dessa rápida expansão e da desigualdade social tornam ainda mais complexo o enfrentamento desses problemas. Esse cenário, em tese, poderia explicar um crescente diálogo horizontal entre as partes nacionais desse continente, suas instituições, seus poderes locais e seus pesquisadores, conforme revelado na pesquisa empírica a seguir descrita.

Em síntese, o Brasil assemelha-se aos demais países latino-americanos, desde sua colonização, com destaque para o antecedente predomínio e influência eurocêntrica, estendendo-se por processos similares que ocorreram em determinados períodos e pela busca por soluções dos problemas urbanos, sendo possível falar em um contexto e unidade latino-americana em termos de urbanização.

O item seguinte considera essas questões como referências e apresenta a metodologia do estudo de caso e sua discussão nos recortes e limites previamente definidos.

3 PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS

Este estudo de caso descritivo, mas também com abordagem quantitativa e procedimentos técnicos de pesquisa documental, constitui-se em uma revisão bibliométrica dos artigos publicados na Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR). Essa fonte foi tomada como referência investigativa por contar com representatividade no estudo do urbano no cenário acadêmico brasileiro. Conta com série histórica disponibilizada desde 1999 a 2017. Inicialmente com periodicidade semestral, a revista passou, em 2015, a ser publicada quadrimestralmente. Disso resultam 38 edições, totalizando 297 artigos. Com essa série, a revista consegue revelar eventuais mudanças em termos de enfoque, temas priorizados no debate e produção autoral mais recorrente. Atualmente apresentada com conteúdo de artigos, manuscritos e dossiês temáticos e publicada quadrimestralmente em português, espanhol e inglês, contribuindo para o adensamento do debate nacional e internacional, tem aderência significativa com a área de Planejamento Urbano e Regional/Demografia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), aquela que se tem como concentradora dos estudos concernentes no País. É classificada como A2 no sistema de avaliação de periódicos da CAPES.

A escolha dessa revista deu-se então pelo seu reconhecimento para a área de planejamento urbano e regional por pesquisadores brasileiros e, mais recentemente, por latino-americanos e europeus. Sua crescente internacionalização amplia a difusão da produção científica brasileira no debate internacional e vincula contribuições de autores estrangeiros na academia brasileira. Na explicitação de sua missão, tem-se o objetivo de publicar estudos considerados relevantes no debate nacional e internacional, expressando a diversidade disciplinar, temática e conceitual de conhecimento.

A RBEUR pertence à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), fundada em 1983. Representa programas de pós-graduação e centros de ensino e pesquisa, atendendo a um

público multidisciplinar (ANPUR, 2017). Além disso, conta com todas as suas edições disponíveis *online*, de acesso aberto, facilitando a busca dos dados.

A ferramenta da bibliometria utilizada para este estudo refere-se a análises quantitativas sobre os índices de produção científica, podendo ser aplicada em qualquer área do conhecimento (ARAÚJO, 2006). Tal ferramenta versa ao estabelecimento de regularidades e tendências dentro do fluxo estudado (SILVA et al., 2009).

Pesquisas similares já foram realizadas na área dos estudos urbanos, com o intuito de promover o traçado de estratégias de fomento, produção, posicionamento e crítica, como é o caso da Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales (EURE), da Pontificia Universidad Católica de Chile (LINK, 2008), e da Revista Brasileira de Gestão Urbana (URBE), da Pontificia Universidade Católica do Paraná (FIRMINO; HOJDA, 2015). Avaliar a produção acadêmica permite assegurar que os esforços tendem a beneficiar a sociedade, sendo tal iniciativa difícil de quantificar ou qualificar. Assim, estudos como estes podem ser reveladores de realidades nem sempre apreendidas no conteúdo do documento; ou seja, analisar as fontes utilizadas em pesquisas sobre temas de interesse investigativo auxilia a situar-nos no contexto maior da pesquisa e, mais importante, para ampliar o entendimento de seus resultados e mesmo as razões de sua realização (ULTRAMARI; FIRMINO; SILVA, 2013).

O presente levantamento de dados ocorreu nas seguintes etapas: a) definição dos parâmetros de análise (palavras-chave que possam indicar temas mais recorrentes num determinado recorte de produção acadêmica); b) coleta do material selecionado (por meio de mecanismos de buscas na fonte selecionada); c) tabulação dos dados; d) produção estatística e análise bibliométrica (apoiados em figuras e gráficos, por meio de nuvens de palavras e ordem cronológica dos dados mais relevantes).

O levantamento contemplou todas as edições da revista até então publicadas no periódico. A busca de dados obedeceu a parâmetros relacionados aos temas e cidades mais citados nos títulos dos artigos e suas palavras-chave, além do nome de autores mais citados nas referências bibliográficas, seus países de origem e formação acadêmica.

4 FLUXOS E INFLUÊNCIAS NO MEIO ACADÊMICO BRASILEIRO

Para o caso em questão, foram identificadas as palavras mais predominantes em cada ano das publicações realizadas na revista em estudo. Entre as palavras mais citadas em todo o período de análise, conforme a figura 1, destacam-se “urbano” (236 registros), “planejamento” (85 registros), “cidade” (70 registros), “espaço” (66 registros) e “social” (66 registros). Enquanto as primeiras palavras podem ser entendidas como “operacionais”, ou seja, necessárias para o trato da questão quase que independentemente do subtema ou do enfoque adotado, a última, “social”, revela uma tendência mais acentuada nas duas últimas décadas e confirma aquilo que empiricamente já se tinha como pressuposto: o incremento das questões sociais na consideração do urbano, dividindo espaço com áreas mais hegemônicas no passado, como o zoneamento, a arquitetura e a engenharia urbana.

FIGURA 1 - TEMAS MAIS CITADOS NOS TÍTULOS E PALAVRAS-CHAVE DOS ARTIGOS DO PERIÓDICO ESTUDADO NO PERÍODO DE ANÁLISE - 1999-2017



FONTE: Elaborado pelos autores, a partir da utilização da ferramenta de análise de recorrências textuais Wordle (2017). O Wordle é uma ferramenta de análise de recorrências textuais *online*, sendo possível organizar, por ordem de tamanho, os termos mais citados em um texto selecionado. Temas mais citados aparecem em tamanho maior em relação aos outros termos. As cores utilizadas são selecionadas pela própria ferramenta, de modo randômico. Endereço eletrônico: <http://www.wordle.net/>

Essa tendência, da discussão da questão social, também é identificada por Ultramari e Firkowski (2012) em um estudo que realiza a periodização da gestão urbana brasileira em décadas, de 1970 a 2000, subdividindo-a em quatro momentos. Para os autores, o último momento, que se inicia no ano 2000, é denominado Gestão Social, no qual há aumento da discussão em relação ao social.

Esta nova gestão – que muito arriscadamente poderia ser denominada Gestão Social – seria agora caracterizada por uma forte tendência de descentralização administrativa, por uma maior participação da sociedade e por intervenções urbanas que buscam a renovação e revalorização de compartimentos das cidades brasileiras, fruto de uma postura dita inclusiva (ULTRAMARI; FIRKOWSKI, 2012).

Na figura 2 foram retratados os temas mais citados em cada ano do período de análise. Percebe-se a permanência de termos usuais nos estudos urbanos, como “planejamento”, “urbano” (urbana, urbanização), “cidade” e “espaço”. Notam-se também termos que surgem no debate refletindo questões estipuladas no Estatuto da Cidade, Lei nº 10.257/01, que regulamenta o capítulo “Política Urbana” da Constituição Federal de 1988, traduzindo temas relacionados ao planejamento participativo e à função social da propriedade, como “estatuto”, “social” e “direito”. A questão social, da mesma forma, passa a ser mais discutida como “políticas habitacionais” e “regularização”. Há registro da discussão em relação às “regiões metropolitanas”. Em contrapartida, observam-se termos que eram muito recorrentes em determinado ano, mas que não foram mais debatidos em anos posteriores, como “grandes projetos” e

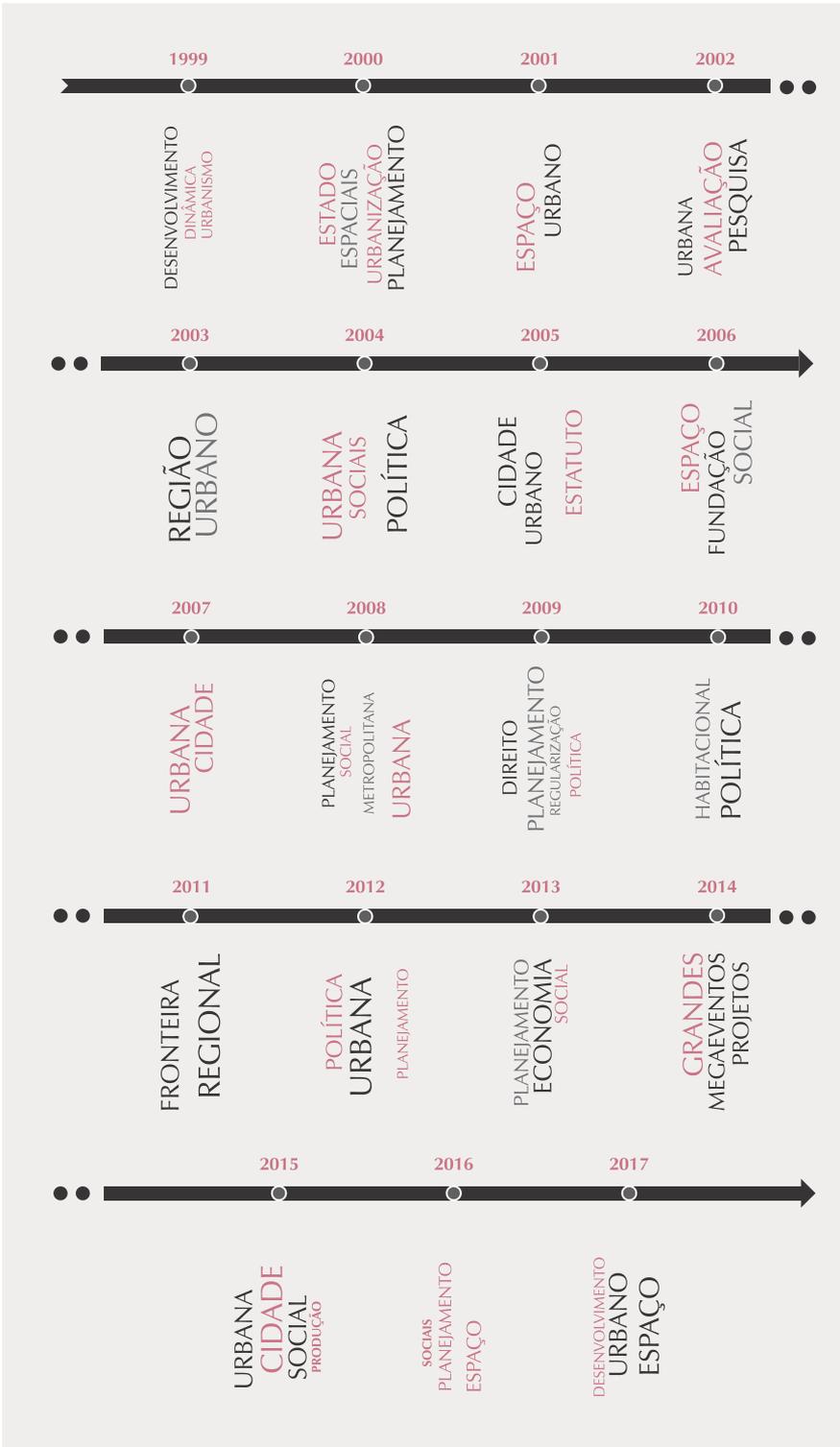
“megaeventos”. Tais resultados refletem momentos específicos vividos pela gestão urbana brasileira, com destaque para o caso da Copa do Mundo de Futebol (cidades brasileiras selecionadas, 2014) e dos Jogos Olímpicos de Verão (RIO DE JANEIRO, 2016). Acredita-se que esse resultado explicita também um momento positivo da economia brasileira e que permitiu a implantação de grandes obras urbanas, tanto de iniciativa do setor público, como foi o caso do Programa Minha Casa Minha Vida, como do setor privado. Consta-se a utilização de termos relacionados à internacionalização, como “fronteiras”. Ademais, observam-se termos como “economia”, “política” e “estado”, os quais são inerentes à questão urbana.

Alguns desses temas identificados de maior ocorrência também podem ser observados no estudo de Ultramarí e Firkowski (2012), citado anteriormente, com destaque para os termos “social”, “ambiental” e “economia”.

Relativamente às fases/momentos aqui descritos, pode-se dizer que a gestão urbana brasileira adotou, em seu discurso oficial, um caminho onde se observaram, cumulativamente, a ampliação de suas responsabilidades, um maior compromisso com a população de menor renda e um triplo e difícil compromisso compartilhado entre demandas ambientais, sociais e restrições econômicas (ULTRAMARÍ; FIRKOWSKI, 2012).

Quanto aos autores mais mencionados nas referências, identificam-se grandes ícones dos temas urbanos, destacando-se os dez mais citados no período de análise (figura 3): David Harvey, que prioriza o interesse social em temas relacionados com a geografia urbana e, mais recentemente, a problemática urbana, com 139 citações; Milton Santos, com temas similares, porém com a especificidade brasileira e temas como epistemologia da geografia, globalização e espaço urbano, com 132 citações; Ermínia Maricato, que discorre em relação a questões urbanas, sociais, políticas habitacionais, gestão das metrópoles, sobretudo vinculados a estruturas de gestão pública das cidades, com 108 citações; Henri Lefebvre, conhecido por estabelecer o termo “direito à cidade”, com 103 citações; Raquel Rolnik, com temas diversos, com destaque para os anos 2000 sobre Planos Diretores e, mais recentemente, movimentos sociais, com 66 citações; Manuel Castells, abordando novas tecnologias de informação e comunicação na reestruturação econômica, com 66 citações, tendo sua referência reduzida ao longo do tempo em discussões sobre movimentos sociais; Carlos Vainer, discutindo conflitos sociais urbanos, movimentos sociais urbanos e globalização, com 55 citações; Pierre Bourdieu, com temas relacionados com sociologia urbana e referenciais para o estudo do urbano, com 49 citações; Eduardo Marques, com temas de política urbana, política pública e redes de políticas, com 48 citações; e Otília Arantes, sobretudo na sua crítica à cidade neoliberal e competitiva, com 48 citações. O resultado desse levantamento pode também ser visualizado na figura 3.

FIGURA 2 - TEMAS MAIS CITADOS NOS TÍTULOS E PALAVRAS-CHAVE DOS ARTIGOS DO PERIÓDICO ESTUDADO POR ANO NO PERÍODO DE ANÁLISE - 1999-2017



FONTE: Elaborado pelos autores, a partir da utilização da ferramenta de análise de recorrências textuais Wordle (2017)

FIGURA 3 - AUTORES MAIS CITADOS NAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS ARTIGOS DO PERIÓDICO ESTUDADO NO PERÍODO DE ANÁLISE - 1999-2017

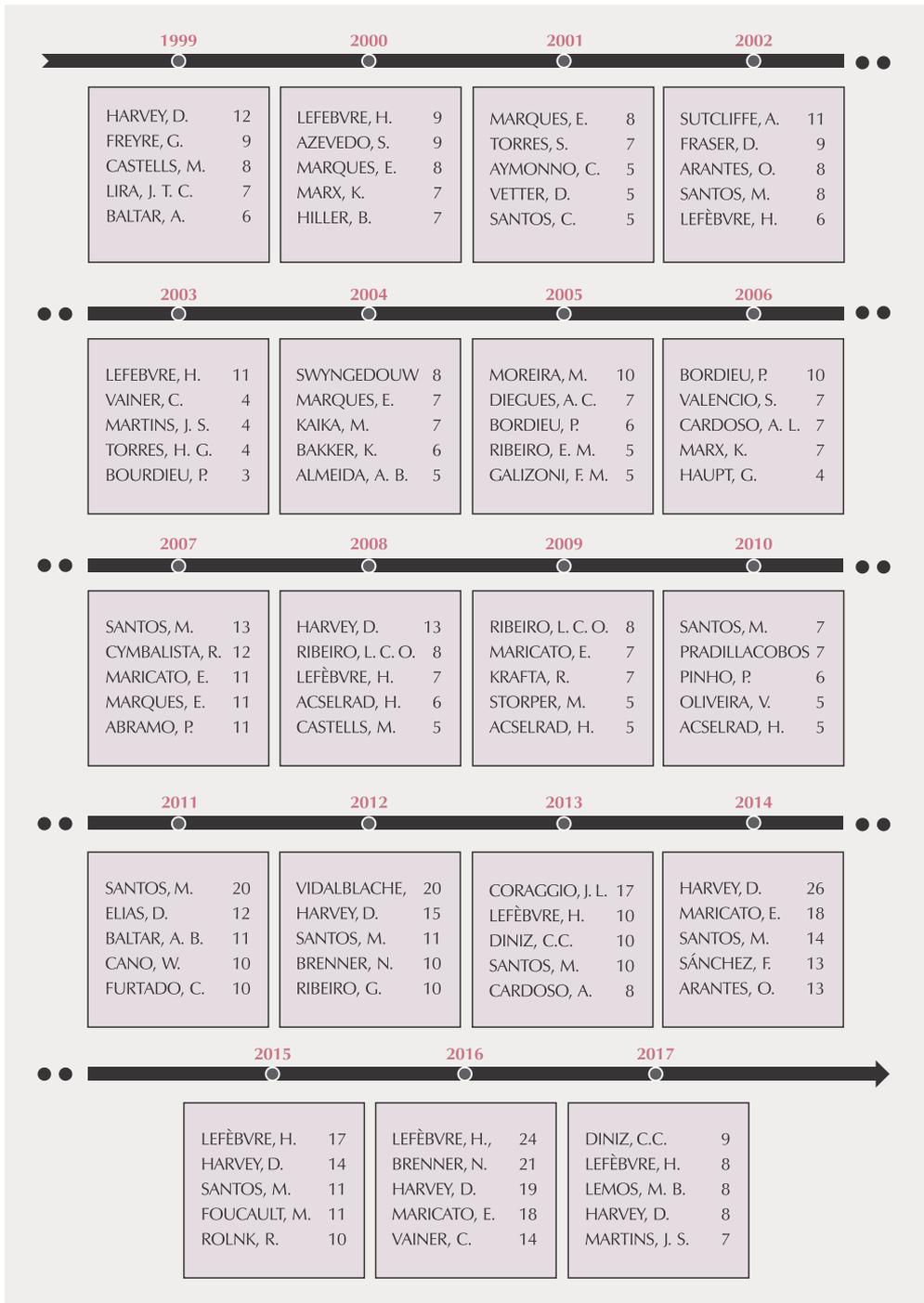


FONTE: Elaborado pelos autores, a partir da utilização da ferramenta de análise de recorrências textuais Wordle (2017)

Esses autores também ganham destaque no período de análise como um todo. A figura 4 apresenta a seleção dos cinco autores mais referenciados por ano em todo o período de publicação, destacando o número de vezes em que cada um foi citado.

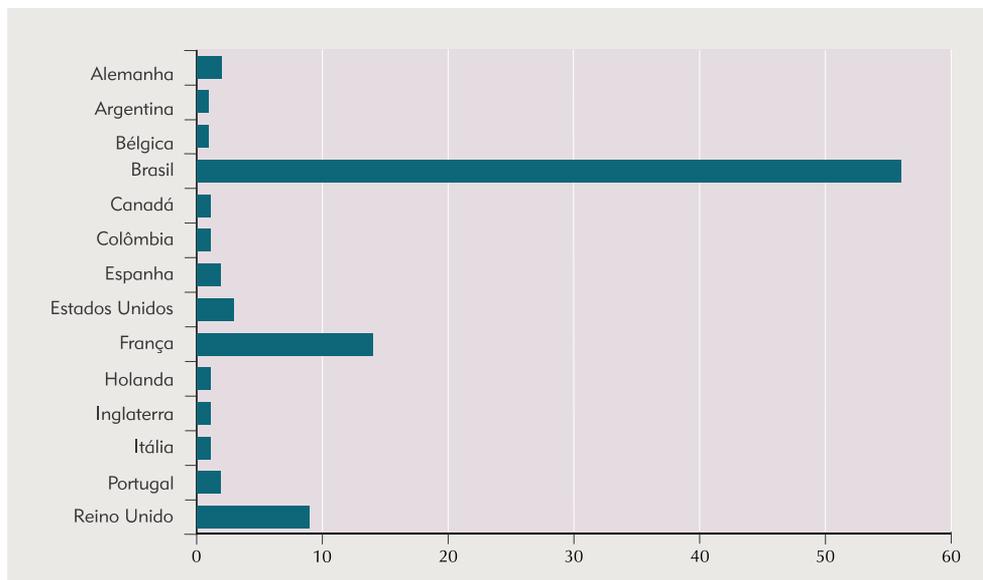
Quanto à procedência dos autores mais referenciados nos artigos em todo o período estudado, é possível identificar, no gráfico 1, o fluxo de autores de outros países, não apenas aqueles de países europeus e dos Estados Unidos, mas uma, ainda que frágil, aproximação da utilização de autores latino-americanos, como o caso da Argentina e da Colômbia. Chama a atenção o caráter endógeno da produção acadêmica brasileira, fato que, positivamente, pode ser entendido como resultado de uma produção significativa e madura; porém, negativamente, pode ser explicado por um exercício restrito de diálogo com o estrangeiro.

FIGURA 4 - AUTORES MAIS CITADOS NAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS ARTIGOS DO PERIÓDICO ESTUDADO POR ANO NO PERÍODO DE ANÁLISE (1999-2017) E QUANTIDADE DE CITAÇÕES



FONTE: Elaborado pelos autores, a partir da utilização da ferramenta de análise de recorrências textuais Wordle (2017)

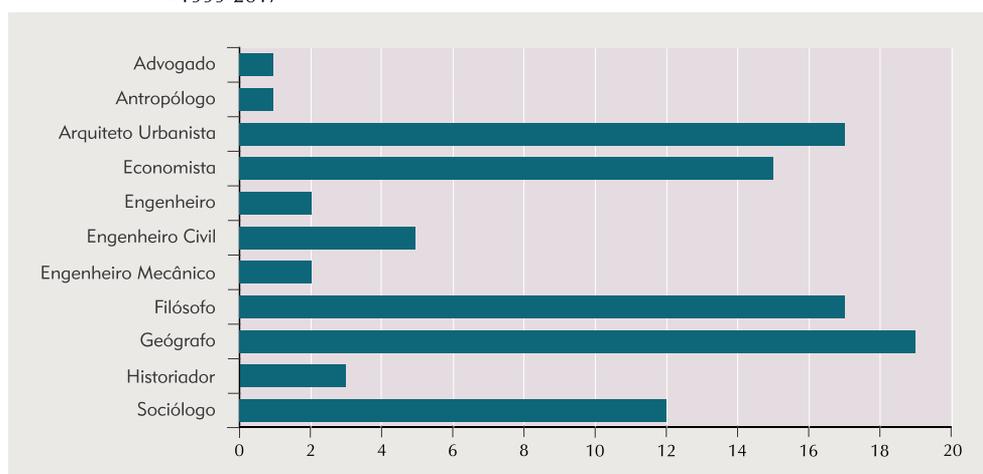
GRÁFICO 1 - ORIGEM DOS AUTORES MAIS CITADOS NAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS ARTIGOS DO PERIÓDICO ESTUDADO NO PERÍODO DE ANÁLISE - 1999-2017



FONTE: Elaborado pelos autores (2017)

A multidisciplinaridade encontrada evidencia a circulação dos saberes dentro do meio acadêmico, destacando-se, além dos arquitetos e urbanistas, profissionais das áreas de geografia, filosofia, economia e sociologia, tratando-se dos estudos urbanos (gráfico 2).

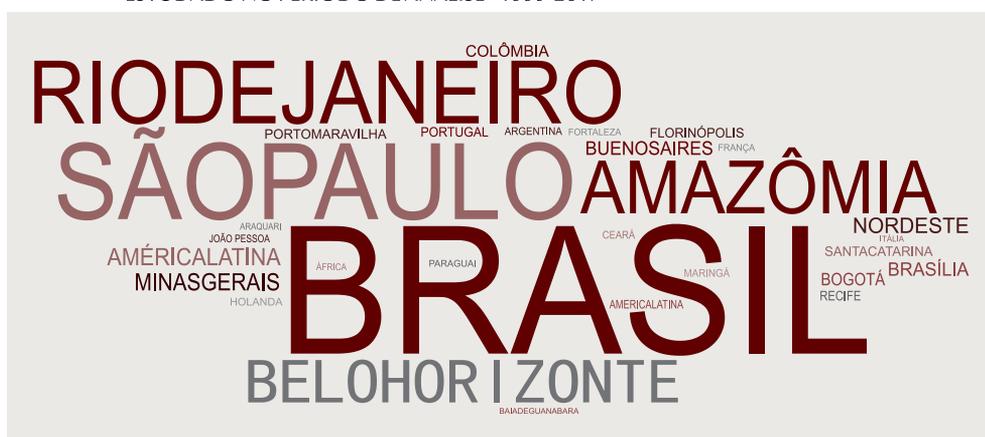
GRÁFICO 2 - FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS AUTORES MAIS CITADOS NAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS ARTIGOS DO PERIÓDICO ESTUDADO NO PERÍODO DE ANÁLISE - 1999-2017



FONTE: Elaborado pelos autores (2017)

Em relação aos lugares mais citados, percebe-se, na figura 5, uma abordagem de diversas cidades e estudos do Brasil como um todo. Também é possível constatar a intenção da abordagem de localidades internacionais. A recorrência de algumas cidades é de interpretação mais complexa; em outros casos, ainda é possível observar a centralidade exercida pela Região Sudeste na produção acadêmica – pelo maior número de instituições e acadêmicos, pelo maior volume demográfico de suas cidades ou mesmo por uma consolidação de centralidade acadêmica construída ao longo do tempo. Ainda que a globalização seja um tema recorrente e com sinais de valorização nas últimas décadas, a produção brasileira identificada nesta pesquisa ainda se revela circunscrita ao seu próprio recorte.

FIGURA 5 - LOCAIS MAIS CITADOS NOS TÍTULOS E PALAVRAS-CHAVE DOS ARTIGOS DO PERIÓDICO ESTUDADO NO PERÍODO DE ANÁLISE - 1999-2017



FONTE: Elaborado pelos autores, a partir da utilização da ferramenta de análise de recorrências textuais Wordle (2017)

Quanto aos países e continentes mais citados, excluindo-se o Brasil, é possível perceber um grau reduzido de internacionalização, evidenciando que há discussão em relação às questões urbanas entre os pesquisadores brasileiros e os Estados Unidos da América, países da Europa e também com países da própria América Latina (figura 6). Estudos similares em períodos distintos confirmam a presença de países centrais, da Argentina e da Colômbia; assim, o aparecimento de países distintos dessa lista deve ser visto com ceticismo, sendo talvez explicado por questões circunstanciais.

Confirma-se a fragilidade das recorrências de países encontrados na produção selecionada, com inclusão significativa de apenas dois países: Colômbia e Argentina, desconhecendo países com processos avançados e complexos de urbanização, como o México. Do mesmo modo, chama a atenção a ausência total de determinados países com problemáticas urbanas comuns com o Brasil, constituindo mesmo manchas urbanas comuns de difícil gestão em âmbitos nacionais isolados. A reduzida participação dos Estados Unidos, elevada em outras análises de produção acadêmica nacional, também chama a atenção, parecendo indicar uma permanência de laços investigativos com países tradicionais no estudo de nossas cidades, como foi o caso da França.

FIGURA 6 - PAÍSES E CONTINENTES MAIS CITADOS NOS TÍTULOS E PALAVRAS-CHAVE DOS ARTIGOS DO PERIÓDICO ESTUDADO NO PERÍODO DE ANÁLISE - 1999-2017



FONTE: Elaborado pelos autores, a partir da utilização da ferramenta de análise de recorrências textuais Wordle (2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo inicia-se com uma discussão a respeito do fluxo de ideias sobre a cidade e como os diálogos sobre ela podem ser construídos, alertando-se para o fato de a ideia em si reduzir-se em importância, se considerada em diferentes contextos e circulada por distintos meios e interesses. Ou seja, atributos à ideia propriamente dita – aqui entendida como passível de ser consubstanciada em diretrizes, planos, programas, projetos, legislações e práticas urbanas – perdem significância no processo de sua circulação, se comparados com os meios para que isso ocorra e interesses não necessariamente revelados por seus agentes indutores e receptores. Faz parte também do contexto da circulação das ideias, minimamente, a tipificação de diálogos em verticais e horizontais. O estudo empírico apresentado, tal qual exercícios similares realizados no escopo da pesquisa maior que este artigo integra, sugere um percurso histórico que se inicia numa forte verticalidade pouco dialógica e já apresenta sinais de uma horizontalidade, ainda que incipiente. A observação de países latino-americanos (e algumas de suas regiões específicas) no recorte selecionado da produção acadêmica brasileira sobre a cidade confirma essa sinalização positiva. Esforços mais recentes de integração com a América Latina em determinados programas de apoio à pesquisa da CAPES e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) podem ter colaborado para a constituição desse cenário.

Há resistências, todavia, para a manutenção de certa centralidade europeia, fruto de um passado em que Paris surge como modelo de transformação urbana a ser seguido universalmente, tal qual observado no século XIX e renovado com o papel do arquiteto urbanista franco-suíço Le Corbusier na sua defesa de um urbanismo modernista no século XX. A multiplicidade de autores referenciais que se observa, com a inclusão de nomes latino-americanos, sugere alterações neste diálogo e nesta utilização de modelos, inclusive de modo explicitamente crítico. Pesquisas específicas realizadas

para recortes de outros países, por meio da análise de seus periódicos científicos mais relevantes, indicam situações similares à brasileira.

Para além de incentivos ou facilidades crescentes para o exercício do diálogo entre Brasil e outros países vizinhos, está uma base de urbanização muito semelhante. São similares seus processos nacionais de acelerado crescimento urbano e de mazelas urbanas, mas também o são fases históricas que alternam políticas mais ou menos inclusivas, mais ou menos neoliberais, mais ou menos centralizadoras ou municipalistas. Assim, tão relevante quanto um cenário contemporâneo e generalizado de demandas não atendidas é a alternância de políticas de modo temporal e ideologicamente similares. Essa situação reitera a validade de incremento dos diálogos aqui denominados horizontais, não necessariamente como uma unidade regional, mas sim como, de fato, constituinte de elementos comuns que possam enriquecer os processos de investigação.

Ainda que de modo restrito àquilo que a leitura do periódico selecionado possa ser tomada como genérica para os estudos urbanos no Brasil, é possível identificar outra tendência: a da multidisciplinaridade. Mesmo que questões sociais e econômicas tenham reduzido a hegemonia das ciências chamadas duras, um crescente processo de subcategorização e simbiose é observado. Esse é um aspecto que se considera positivo e confirmado pelo perfil dos autores mais recorrentes, incluindo-se nomes de explícita participação no processo de gestão das cidades.

Igualmente positiva é a multiplicação de autores de referência ao longo do tempo para a discussão sobre o urbano no Brasil. Ainda que excluindo importantes referências anglo-saxônicas, é ostensiva a multiplicação no uso das fontes autorais.

Por último, acredita-se ser possível atestar um avanço na aproximação entre os temas debatidos e aquilo que é considerado importante pela sociedade. Minimamente, foi possível observar uma rápida reação da academia brasileira para fatos considerados relevantes na construção, uso e apropriação de nossas cidades: de uma grande produção nacional sobre “grandes projetos” e “grandes eventos” que se identificou a partir de finais dos anos 2000, passou-se para o debate e busca do entendimento dos grandes movimentos sociais que tomaram as ruas de nossas cidades.

A relação entre pesquisa acadêmica e seu objeto de estudo é tema instigante. De difícil compreensão, no caso das cidades, pode revelar um determinado cenário urbano, mas também um cenário idealizado. Temas trazidos por pesquisadores para o debate com seus pares revelam intenções pessoais, circunstanciais, mas também societárias, do momento urbano vivido. Esses mesmos temas revelam opções e eventuais semelhanças regionais, a partir da origem dos pesquisadores.

Análises de conteúdo sobre aquilo que aqui se discutiu por meio da bibliometria, aportando-se questões qualitativas fundamentais, indicariam, certamente, uma visão pessimista sobre nossas cidades. Tais estudos posteriores confirmariam então uma dicotomia entre a pesquisa acadêmica que demonstra sinais positivos em termos operativos – mais interdisciplinar, mais horizontalmente dialógica, mais múltipla – e seu objeto, que segue sendo visto como problema.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. B. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**. Porto Alegre, v.12, n.1, p.11-32, jan./jun. 2006.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL (ANPUR). **RBEUR**. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/rbeur>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- CAROLO, B. **Alfred Agache em Curitiba e sua visão de urbanismo**. 191f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- CHIQUITO, E. A. John Friedmann: um “expert” em planejamento regional na América Latina. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 14. **Anais...** 2016.
- CHOAY, F. **O urbanismo: utopias e realidades: uma antologia**. Versão original: 1965. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- FIRMINO, R. J.; HOJDA, A. A comunicação científica em gestão urbana: Revista Urbe, uma autoanálise. In: ENANPUR, 16. **Anais...** 2015.
- FRECHILLA, J. J. M. El urbanismo francés en Venezuela: de 1936 a 1950 (Rorival y Lambert em historia de gestiones diplomáticas, contratos y zancadillas). In: **Estudios demográficos y urbanos (El Colégio de México)**. v.8, n.2, 1993. Disponível em: <http://codex.colmex.mx:8991/exlibris/aleph/a18_1/apache_media/LQ29JNKSQQQL2948YHDJPLFL4TU61HA.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2017.
- GOLDMAN, M. Speculative urbanism and the making of the next world city. **International Journal of Urban and Regional Research**, v.35, n.3, p.555-81, 2011.
- GOMES, M. A. F.; ESPINOZA, J. C. H. Olhares cruzados: visões do urbanismo moderno na América do Sul, 1930-1960. In: GOMES, M. A. F. (Org.). **Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- HARRIS, A; MOORE, S. Planning histories and practices of circulating urban knowledge. **International Journal of Urban and Regional Research**, v.37, n.5, p. 1499-509, 2013.
- HARRIS, E. D. **Le Corbusier: riscos brasileiros**. São Paulo: Nobel, 1987.
- HEALEY, P. Circuits of knowledge and techniques: the transnational flow of planning ideas and practices. **International Journal of Urban and Regional Research**, v.37, n.5, p.1510-26, 2013.
- HEALEY, P. The universal and the contingent: some reflections on the transnational flow of planning ideas and practices. **Planning theory**, v.11, n.2, p.188-207, 2012.
- HEALEY, P.; UPTON, R. **Crossing borders: international exchange and planning practices**. London: Routledge, 2010.
- HOWLETT, P.; MORGAN, M. S. **How well do facts travel? the dissemination of reliable knowledge**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- KING, A. D. **Spaces of global culture: architecture, urbanism, identity**. Abingdon: Routledge, 2004.
- KING, A. D. **The bungalow: the production of a global culture**. London: Routledge & Kegan Paul, 1984.

- LE CORBUSIER. **Carta de Atenas**. São Paulo: HUCITEC: EDUSP, 1933.
- LECCESE, M.; KATHLEEN, M. **Charter of the new urbanism**: Congress for the new urbanism. Nova York: McGraw-Hill, 2000.
- LINK, F. EURE 1970-2008: breve genealogía de su trayectoria. **Revista Eure**, v.34, n.103, p.153-68, 2008.
- MCCANN, E. Expertise, truth, and urban policy mobilities: global circuits of knowledge in the development of Vancouver, Canada's 'four pillar' drug strategy. **Environment and Planning**, v.40, n.4, p.885-904, 2008.
- MEDRANO, R. H. Notas sobre a América do Sul na historiografia urbana brasileira. In: GOMES, M. A. F. (Org.). **Urbanismo na América do Sul**: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MORAIS, P. H. A. **Cidade e arquitetura na América Latina em três tempos e alguns corolários norte-americanos**: 1492 – 1880 – 1929. 186f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, 2014.
- OLIVEIRA, L. L. (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro, RJ: Editora da Fundação Getúlio Vargas – FGV, 2002.
- SCAZZIERI, R.; SIMILI, R. Preface and acknowledgments. In: SCAZZIERI, R.; SIMILI, R. (Eds.). **The migration of ideas**. Science History Publications/USA: Watson Publishing International LLC, 2008. p.7-9.
- SCHIFFER, S. T. R.; DEÁK, C. (Orgs.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP: Fundação para a Pesquisa em Arquitetura e Ambiente – FUPAM, 2004.
- SEGRE, R. Mestres e discípulos no urbanismo latino-americano (1920- 1960): Buenos Aires e Havana, duas cidades paradigmáticas. In: GOMES, M. A. (Org.) **Urbanismo na América do Sul**: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960. Salvador: EDUFBA, 2009.
- SILVA, A. J. et al. Análise bibliométrica dos artigos sobre controladoria publicados em periódicos dos programas de pós-graduação em Ciências Contábeis recomendados pela CAPES. **Revista ABCustos**. v.4, p.1-16, 2009.
- STONE, D. Transfer agents and global networks in the transnationalisation of policies. **Journal of European Public Policy**, v.11, n.3, p.545-66, 2004.
- SUTCLIFFE, A. **Towards the planned city**: Germany, Britain, the United States and France, 1780-1914. Oxford: Basil Blackwell, 1981.
- ULTRAMARI, C.; FIRKOWSKI, O. L. C. F. Sobre mudanças e continuidades na gestão urbana brasileira. **Mercator**, Fortaleza, v.11, n.24, p.73-88, jan./abr. 2012.
- ULTRAMARI, C. et al. La urbanización en el Brasil, un proceso consolidado – y paradójicamente mutable. **Revista Notas de Población**, v.18, 2016.
- ULTRAMARI, C.; FIRMINO, R. J.; SILVA, S. F. P. La recurrencia de las ideas en el estudio de la planificación urbana en Brasil. **Ciudad y Territorio: Estudios Territoriales**, v.175, p.147-62, 2013.

ULTRAMARI, C; DUARTE, F. **Inflexões urbanas**. Curitiba: Champagnat, 2009.

VALLADARES, L; COELHO, M. P. **La investigación urbana en América Latina**: tendencias actuales y recomendaciones. Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO), 1995. (Documentos de debate, n.4).

WARD, S. V. **Planning the twentieth-century city**: the advanced capitalist world. Academy Press, 2002.

WATSON, V. The usefulness of normative planning theories in the context of Sub-Saharan Africa. **Planning Theory**, v.1, p.27-52, 2002.